

## Coluna do Castelo

## A maioria que Collor poderia ter e não tem

**N**ão há um conflito básico entre o governo e a maioria do Congresso. Questões específicas, no entanto, dificultam senão bloqueiam um entendimento possível em tese. Se não há um cimento que os una, na verdade, nada os separa: PMDB e PFL pensam como o presidente Fernando Collor na maioria das questões. São todos pela chamada modernidade, pela redução do tamanho do Estado, pela integração da economia brasileira na economia mundial.



A resistência a Collor não se situa à direita nem ao centro, mas à esquerda. Não está no PMDB, no PFL, no PDS, no PTB, no PDC, no PL e em outros aglomerados menores de deputados e senadores. Basicamente seriam o PT, o PDT, o PSB e o PSDB os focos de resistência à política em curso no país. Essa esquerda, no entanto, está com o perfil baixo e não se sente estimulada a empunhar a bandeira de luta. Isso explica o oportunismo da liderança do PMDB que, apostando na má imagem do governo junto à opinião pública, tenta tomar essa bandeira para seu próprio uso.

Curioso é que o PMDB, que quer paralisar seus governadores ansiosos por uma aproximação com o governo federal, está se desfazendo do seu esquerdismo histórico, o mesmo que isolou no passado Ulysses e o relegou ao ostracismo eleitoral. Não será fácil para políticos como Severo Gomes, Renato Archer, Luiz Henrique e outros remanescentes conviver com um comando partidário que condena sua postura ideológica ainda que reivindicando a liderança da luta anti-Collor.

O que une hoje o PMDB é a vontade de poder que lhe está infundindo o ex-governador Orestes Quércia. Para tanto, ele precisa homogeneizar sua área, impor sua maneira de pensar e de tratar os problemas políticos. Entrar em conflito com o presidente da República, que tem poucos espaços para manobra, é útil ao PMDB de Quércia. Funciona como estímulo, como ponto de agregação. O problema dos governadores poderá ser resolvido a seu tempo, pois o estilo do ex-governador de São Paulo exclui radicalismos. É um estilo realista, de acomodação com os fatos, *soft*.

Quanto ao que seria a base parlamentar principal

do governo, há indicações de que as coisas não estão bem. PFL, PDS, PTB etc. criam dificuldades ou simplesmente acusam uma ação negativa da parte dos coordenadores oficiais

que não estariam atentos ao dever de valorizar suas bases, dando-lhes acesso à área de decisão e tratando seus deputados e senadores como gente de casa. Para Ricardo Fiúza, líder do PFL, sua bancada parlamentar deveria ser ouvida previamente nas formulações das políticas e dos programas governamentais. Fiúza chama isso de "visão macro" e estranha que o comando político do governo sequer tenha competência para agregar à sua base até o tradicional PTB.

As posições críticas de Fiúza são compartilhadas pelo senador Marco Maciel, líder no Senado. Ambos estiveram com o presidente da República antes da viagem e traçaram para ele um panorama sombrio das relações entre governo e Congresso. A insatisfação dos partidos está longe de ser atenuada. O ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, tem seus esforços de persuasão reconhecidos, embora a opção pelos governadores pareça insuficiente aos parlamentares. Eles não se conformam mesmo é com a atitude que os ministros Carlos Chiarelli e Alceni Guerra têm para com seus antigos companheiros do Congresso. Para eles, o PFL não está no governo.

Collor, que tem frequentemente ouvido esse tipo de avaliação, tem dado instruções e ordens para que seus ministros mudem o comportamento. Simplesmente suas ordens não estariam sendo obedecidas. Isso estimula a visão dramática que o líder pefelista, por exemplo, tem hoje do futuro do governo e da sua estabilidade. Eles não escondem do presidente essa maneira de ver as coisas.

Tendo, portanto, potencialmente uma situação favorável no Congresso, o governo estaria vendo crescerem suas dificuldades seja nos partidos que se definiram por apoiá-lo seja nos que, como o PMDB, pensam como ele mas são impedidos a agir como oposição. O PMDB quer-se uma alternativa para o poder e acha que essa alternativa crescerá na medida em que não se associe à prática de governo do presidente Collor ou aos conceitos ou preconceitos dominantes numa esquerda fora de pauta.